

A SEMANA – 236*

6 de dezembro de 1896

Antônio Conselheiro é o homem do dia; faz-me lembrar o beribéri.¹ Eu acompanhei o beribéri durante muitos anos, pelas folhas do Norte, principalmente do Maranhão e do Ceará. Via citadas as pessoas que adoeciam do mal, que eu não conhecia e cujo nome lia errado, carregando no *i*: lia *beri-beri*.² Confesso este pecado de prosódia, esperando que os meus contemporâneos façam a mesma coisa, ainda que, como eu, não tenham outros merecimentos. Quem tem outros merecimentos, pode claudicar uma vez ou duas. Ao duque de Caxias³ ouvi eu dizer – *míster*; mas o duque tinha uma grande vida militar atrás de si. Que feitos militares ou civis tem um senhor que eu conheço para dizer *eleições*?

Mas, tornando ao meu propósito, eu li os casos de beribéri por muitos e dilatados anos. Acompanhei a moléstia; vi que se espalhava pouco a pouco, mas segura. Foi assim que chegou à Bahia, e anos depois estava no Rio de Janeiro, de onde passou ao Sul. Hoje é doença nacional. Quando deram por ela, tinha abrangido tudo. Ninguém advertiu na conveniência de sufocá-la nos primeiros focos.⁴

O mesmo sucedeu com Antônio Conselheiro. Este chefe de bando há muito tempo que anda pelo sertão da Bahia espalhando uma boa-nova sua, e arrebanhando gente que a aceita e o segue. Eram vinte, foram cinquenta, cem, quinhentos, mil, dois mil; as últimas notícias dão já três mil. Antes de tudo, tiremos o chapéu. Um homem que só com uma palavra de fé, e a quietação das autoridades, congrega em torno de si três mil homens armados, é alguém. Certamente, não é digno de imitação; chego a achá-lo detestável; mas que é alguém, não há dúvida. Não me repliquem com algarismos eleitorais; nas eleições pode-se muito bem reunir duas e três mil pessoas, mas são

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 341, p. 1, 6 dez. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 346-352). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* não registra a forma justaposta “beribéri”, mas “beri béri”. Preferimos a forma justaposta, como vem nos dicionários.

² no *i*: lia *beri-beri*.] no *i*: lia *beriberí*. – em SEM1953.

³ Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880), duque de Caxias, militar, era político monarquista.

⁴ Beribéri é doença causada pela deficiência de vitamina B1 (tiamina). Machado de Assis, pela descrição que nos dá, sugere, para a doença, um mecanismo de disseminação semelhante ao das doenças infecciosas.

peessoas que votam e se retiram, e não se reúnem todas no mesmo lugar, mas em seções. Casos há em que nem vão às urnas; é o que elegantemente se chama *bico de pena*.⁵ Uns dizem que este processo é imoral; outros que imoral é ficar de fora. Eu digo, como Bossuet: “Só Deus é grande, meus irmãos!”⁶

Como e de que vivem os sectários de Antônio Conselheiro? Não acho notícia exata deste ponto, ou não me lembro. Se não têm rendas, vivem naturalmente das do mato, caça e fruta, ou das dos outros, como os salteadores. A verdade é que vivem. A crença no chefe é grande; Antônio Conselheiro tem tal poder sobre os seus amigos, que fará deles o que quiser. Agora mesmo, no primeiro ataque da força pública, sabe-se que eles, baleados, vinham às fileiras dos soldados para cortá-los a facão, e morrer. Entretanto, eles têm amigos estabelecidos à sombra das leis. Um telegrama diz que da cidade de Alagoinhas mandaram pólvora e chumbo ao chefe. Apreenderam-se caixões com armas que iam para ele.⁷ Os sectários batem-se com armas Comblain e Chuchu.⁸ Dizem as notícias que não se pode destruir tal gente com menos de seis mil homens de tropa. Talvez mais; um fanático, certo de ressuscitar daí a quinze dias, como ele assegura, vale por três homens.

Há um ponto novo nesta aventura baiana; está nos telegramas publicados anteontem. Dizem estes que Antônio Conselheiro bate-se para destruir as instituições republicanas.⁹ Neste caso, estamos diante de um general Boulanger, adaptado ao meio, isto é, operando no sertão, em vez de o fazer na capital da República e na câmara dos deputados, com eleições sucessivas e simultâneas.¹⁰ É muita coisa para tal homem; profeta de Deus, enviado de Jesus e cabo político,¹¹ são muitos papéis juntos, conquanto não seja impossível reuni-los e desempenhá-los. Cromwell derribou Carlos I com a Bíblia no bolso, e não ganhou batalha que não atribuísse a vitória a Deus. “Senhor, – escrevia ele ao presidente da câmara dos

⁵ *bico de pena*: Forma de eleição praticada na República Velha antes de 1930, cujo voto era aberto e não secreto, e havia controle dos caciques políticos sobre os eleitores. (Fonte: Agência Senado)

⁶ Em nota à sua edição desta crônica, John Gledson (2013, p. 287) anotou: “Na verdade, parece que quem pronunciou essas palavras, na oração fúnebre de Luís XIV, foi Jean-Baptiste Massillon (1663-1742), e não Bossuet.” Essas palavras – no original, *Dieu seul est grand, mes frères* – iniciam a referida oração fúnebre.

⁷ Telegrama com as informações referidas pelo cronista pode ser lido na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 339, p. 1, col. 4, 4 dez. 1896). Ver o texto do telegrama ao final desta crônica.

⁸ John Gledson (2013, p. 288) informa: “Dois tipos de espingarda, ambos introduzidos no Brasil nos anos 1880 e 1890. O segundo (uma variante do Comblain) recebeu o nome do seu inventor, Atanásio Chuchu.”

⁹ Esta especulação pode ser lida no telegrama indicado na nota 7.

¹⁰ John Gledson (2013, p. 288) diz: “O general Georges Boulanger (1836-91), militar com ambições políticas, de tendências conservadoras e monarquistas – que se chamavam de ‘cesaristas’, isto é, ditatoriais – durante a Terceira República francesa. Foi eleito simultaneamente em várias circunscrições, e por pouco não subiu ao poder num golpe de estado nos primeiros meses de 1889. Machado se refere a ele mais de uma vez nas crônicas de ‘Bons Dias!’”

¹¹ Há uma falha, neste local, na digitalização do periódico. Acolhemos a lição de Aurélio.

comuns, – senhor, isto é nada menos que Deus; a ele cabe toda a glória.”¹² Mas, ou eu me engano, ou vai muita distância de Cromwell a Antônio Conselheiro.

Entretanto¹³ como a alma passa por estados diferentes, não é absurdo que o atual estado da do nosso patrício seja a ambição política. Pode ser que ele, desde que se viu com três mil homens armados e subordinados, tenha sentido brotar do espírito profético o espírito político, e pense em substituir-se a todas as Constituições. Imaginará que, possuindo a Bahia, possui Sergipe, logo depois Alagoas, mais tarde Pernambuco e o resto para o norte e para o sul. Dizem que ele declarou que há de vir ao Rio de Janeiro. Não é fácil, mas todos os projetos são verossímeis, e, dada a ambição política, o resto é lógico. Ele pode pensar que chega, vê e vence.¹⁴ Suponhamos nós que é assim mesmo; que as calamidades do tempo e o espírito da rebelião se dão as mãos para entregar a vitória ao chefe da seita dos Canudos. Canudos é, como sabeis, o lugar onde ele e o seu exército estão agora entrincheirados. Isto suposto, que será o dia de amanhã?

Lealmente, não sei. Eu não sou profeta. Se fosse, talvez estivesse agora no sertão, com outros três mil sequazes, e uma seita fundada. E faria o contrário daquele fundador. Não viria aos centros povoados, onde a corrupção¹⁵ dos homens torna difícil qualquer organização sólida, e o espírito de rebelião vive latente, à espera de oportunidade. Não, meus amigos, era lá mesmo no sertão, onde os bichos ainda não jogam nem são jogados; era no mais fechado, áspero e deserto que eu levantaria a minha cidade e a minha igreja.

Antônio Conselheiro não compreende essa vantagem de fazer obra nova em sítio devoluto. Quer vir aqui, quer governar perto da rua do Ouvidor. Naturalmente, não nos dará uma Constituição liberal, no sentido anárquico deste termo. Talvez nem nos dê cópia ou imitação de nenhuma outra, mas alguma coisa inédita e inesperada. O governo será decerto pessoal; ninguém gasta paciência e anos no mato para conquistar um poder e entregá-lo aos que ficaram em suas casas. O exemplo de Orélie-Antoine I (e único), rei dos Araucânios, não o seduzirá a pôr uma coroa na cabeça.¹⁶ Cônsul e Protetor são títulos usados. Palpita-me que ele se fará intitular simplesmente Conselheiro, e, sem alterar o nome, dividi-lo-á por uma vírgula: “Antônio, Conselheiro, por ordem de Deus e obediência do povo...” Terá um conselho, câmara única e pequena, não incumbida de

¹² Machado de Assis tinha em sua biblioteca uma edição das cartas de Oliver Cromwell. (Cf. MASSA, 2001, p. 60) Não localizamos a fonte da citação.

¹³ A palavra “Entretanto” vem na última linha da coluna (3) do jornal; a parte inferior dessa linha não é legível no periódico digitalizado. Seguimos a lição de Aurélio.

¹⁴ Adaptação da frase atribuída a Júlio César – *veni, vidi, vici*: “Vim, vi e venci.” César teria utilizado a frase em mensagem enviada ao senado romano informando sua recente vitória sobre Fárnaques II (95-47 a.C.), rei do Ponto, na Batalha de Zela (47 a.C.). Desde então, a frase traduz uma vitória rápida e indiscutível.

¹⁵ corrupção] corrupção – em SEM1953.

¹⁶ Em nota à sua edição desta crônica, John Gledson (2013, p. 289) informa: “Orélie-Antoine de Tournens (1825-78), que se autodenominou Orélie-Antoine I, aventureiro francês que por duas vezes tentou estabelecer um reino nas terras do sul do Chile, entre os índios mapuches. Foi mandado para um manicômio e depois repatriado à França, onde morreu.”

votar as leis, mas de as examinar somente, pelo lado ortográfico e sintáxico, pelo número de letras consoantes em relação às vogais, idade das palavras, energia dos verbos, harmonia dos períodos, etc., tudo exposto em relatórios longos, minuciosos, ilegíveis e inéditos.

Venerado como profeta, obedecido como chefe de Estado, investido de ambos os gládios, com as chaves do céu e da terra na gaveta, Antônio Conselheiro verá o seu poder definitivamente posto? Como tudo isto é sonho, sonhemos que sim; mas Oliveira terá um Ricardo por sucessor,¹⁷ e a obra do primeiro perecerá nas mãos do segundo, sem outro resultado mais que haver o profeta governado perto da rua do Ouvidor. Ora, esta rua é o alçapão dos governos. Pela sua estreiteza, é a murmuração condensada, é o viveiro dos boatos, e mais mal faz um boato que dez artigos de fundo. Os artigos não se leem, principalmente se o contribuinte percebe que tratam de orçamento e de imposto, matérias já de si aborrecíveis. O boato é leve, rápido, transparente, pouco menos que invisível. Eu, se tivesse voz no conselho municipal, antes de cuidar do saneamento da cidade, propunha o alargamento da rua do Ouvidor. Quando este beco for uma avenida larga em que as pessoas mal se conheçam de um lado para outro, terão cessado mil dificuldades políticas. Talvez então se popularizem os artigos sobre finanças, impostos e outras rudes necessidades do século.



¹⁷ John Gledson (2013, p. 289) esclarece: “Oliver Cromwell foi sucedido como lorde Protetor pelo filho, Richard, em 1658. O protetorado ruiu em dois anos, e a monarquia foi restaurada, com o rei Carlos II.”

ANTONIO CONSELHEIRO

Do nosso correspondente na Bahia recebemos hontem o seguinte telegramma:

«Chegou hoje a força que d'aqui seguiu sob o commando do tenente Ferreira Pires contra Antonio Conselheiro; os feridos vieram transportados em padiolas. O tenente narrou o seguinte:

Que na occasião do ataque foi impossivel o emprego de tactica militar, em vista da furia desordenada dos atacantes;

Que mandára entrinchoirar a força por ser o melhor meio de combater os bandidos;

Que Conselheiro tinha informação exacta da força que marchara contra elle;

Que Conselheiro enviou 500 bandidos armados de Comblain e armas Chuchú, clavinetes e facões para baterem a força e tomarem o armamento;

Que Conselheiro tem mais de tres mil homens em armas, sendo preciso um numero superior de praças para combater;

Que João Abbade, chefe, commandou os bandidos na lucta;

Que, apesar da grande mortandade dos fanáticos, Conselheiro continua a recrutar adeptos e facinoras de todas as paragens, garantindo que no prazo de 15 a 30 dias resuscitarão os fanáticos mortos na acção;

Que o conselheiro batalha contra a instituição republicana, garantindo ir ao Rio de Janeiro.

Que o alferes Carlos Coelho morreu por se ter excedido; deixando a casa onde estava entrinchoirado e sahindo armado de carabina contra os bandidos, recebeu no regresso uma bala pelas costas.

Que os mortos da força publica foram enterrados na capellinha do povoado de Uauá;

Que, se tivesse chegado á povoação dos Caundos, teria perecido com toda a força publica.

A força chegou estropeada. Consta que da cidade de Alagoinhas mandaram pólvora e chumbo a Antonio Conselheiro. Sabo-se que foram apprehendidos 2 caixões contendo armas destinadas a Conselheiro.

Cartas do sertão narram scenas sangulnolantas praticadas pelos bandidos após o combate; Mauá ficou um monção de ruínas; Conselheiro mandou trucidar um velho com toda a familia por querer sahir da companhia d'elle. O tenente Pires teve longa conferencia com o chefe da segurança.

Esta auctoridade respondeu ao telegramma do questor de Pernambuco, que o governo da Bahia está vigilante quanto aos negocios do norte do Estado, que daqui seguiu força para Quelmados com destino á povoação de Canudos e que Joazeiro tem força estadual.

Não ha fundamento para o recoto de invasão em Petrolina pelos sequazes de Antonio Conselheiro.

Consta que a força sob o commando do major Febronio contra Conselheiro seguiu hontem de Quelmados com destino á povoação Canudos.

Grande anciedade no espirito publico.

(Gazeta de Noticias)

Antônio Conselheiro

Gazeta de Notícias, ano XXII, n. 339, p. 1, 4 dez. 1896.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 341, p. 1, 6 dez. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15373>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Organização, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís. (Org.) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. p. 21-98.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.